

13.º Congresso APDR – Recriar e Valorizar o Território

Universidade dos Açores – Angra do Heroísmo, 5 a 7 Julho 2007

**THE SIGNIFICANCE OF THE MORPHOLOGICAL TRANSFORMATIONS IN
THE ESTIMATION OF CITY CENTRES: THE CASE OF SANTARÉM**

Significado das transformações morfológicas na consolidação dos centros urbanos: o
caso de Santarém

Ana Lúcia Virtudes¹ e José Riscado²

Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura – Universidade da Beira Interior

Edifício II das Engenharias, Calçada Fonte do Lameiro, 6200-001 – Covilhã

Tel.: 00351 962360882, e-mail: virtudes@ubi.pt

ABSTRACT

This article is the result of a current investigation at the University of Valladolid concerning the transformations of the historic space of Santarém in the context of modern urban design. It analyses the processes of transformation of urban morphology of a polycentred structure, having one city centre in a high town on top of the city plain and other town centres in the lower part of town, (Alfange and Ribeira) along the banks of the river Tejo in a sequential process of the selling-off of the convents and monasteries situated within and without the gates, in the surrounding area of the high walled town forming a double urban perimeter. The selling-off results in the making available ground suitable for urbanisation corresponding to the ancient boundaries and the building fabric which takes-on new functions, transforming religious buildings into military quartels, houses, bull-rings, horse stables or public institutions. This factor gives significance to permanence and to the morphological changes in the process of transformation from high town to the city centre in the context of modern urban design. “It is necessary to find the meaning of permanence in the ancient city centres, inside the actual order of the city. The way to incorporate the old and the new on things constant and things changing.” (Alfonso Mora, 1980)

¹ Town planner, DECA / UBI.

² Civil engineer, DECA / UBI.

RESUMO

Este artigo resulta de um trabalho de investigação em curso na Universidade de Valladolid sobre as transformações no espaço histórico de Santarém no contexto da urbanística moderna. Analisa os processos de transformação da morfologia urbana da estrutura policêntrica, composta pelo núcleo urbano da vila alta, no planalto e pelos núcleos urbanos da vila baixa (Alfange e Ribeira) nas margens do Tejo, na sequência do processo de desamortização dos conventos situados dentro e fora de portas, na envolvente à vila alta muralhada formando um duplo perímetro urbano. A desamortização tem como consequências disponibilizar solo apto para urbanizar correspondente às antigas cercas e ao tecido edificado que acolhe novas funções, transformando edifícios religiosos em quartéis militares, habitações, praças de touros, cavalariças ou instituições públicas. Este factor confere significado às permanências e às mudanças morfológicas do processo de transformação da vila alta em centro urbano nos alvares da urbanística moderna. *“É necessário encontrar o sentido de permanência nos centros urbanos antigos, dentro da ordem actual da cidade. A forma de encarar o novo e o velho sobre as permanências e as mudanças.”* (Alfonso Mora, 1980)

1. SANTARÉM, A VILA MURALHADA OITOCENTISTA

Em meados do século XIX a muralha de Santarém marca o estatuto dos seus habitantes (os vizinhos) distinguindo-os dos da envolvente exterior.

É pelas portas da muralha (ver figuras seguintes) que a urbe respira, que estabelece contacto com o termo rural e que saem as calçadas que ligam os três núcleos da estrutura urbana policêntrica, a vila alta no planalto e os dois núcleos ribeirinhos de Alfange e Ribeira na vila baixa junto ao rio Tejo.

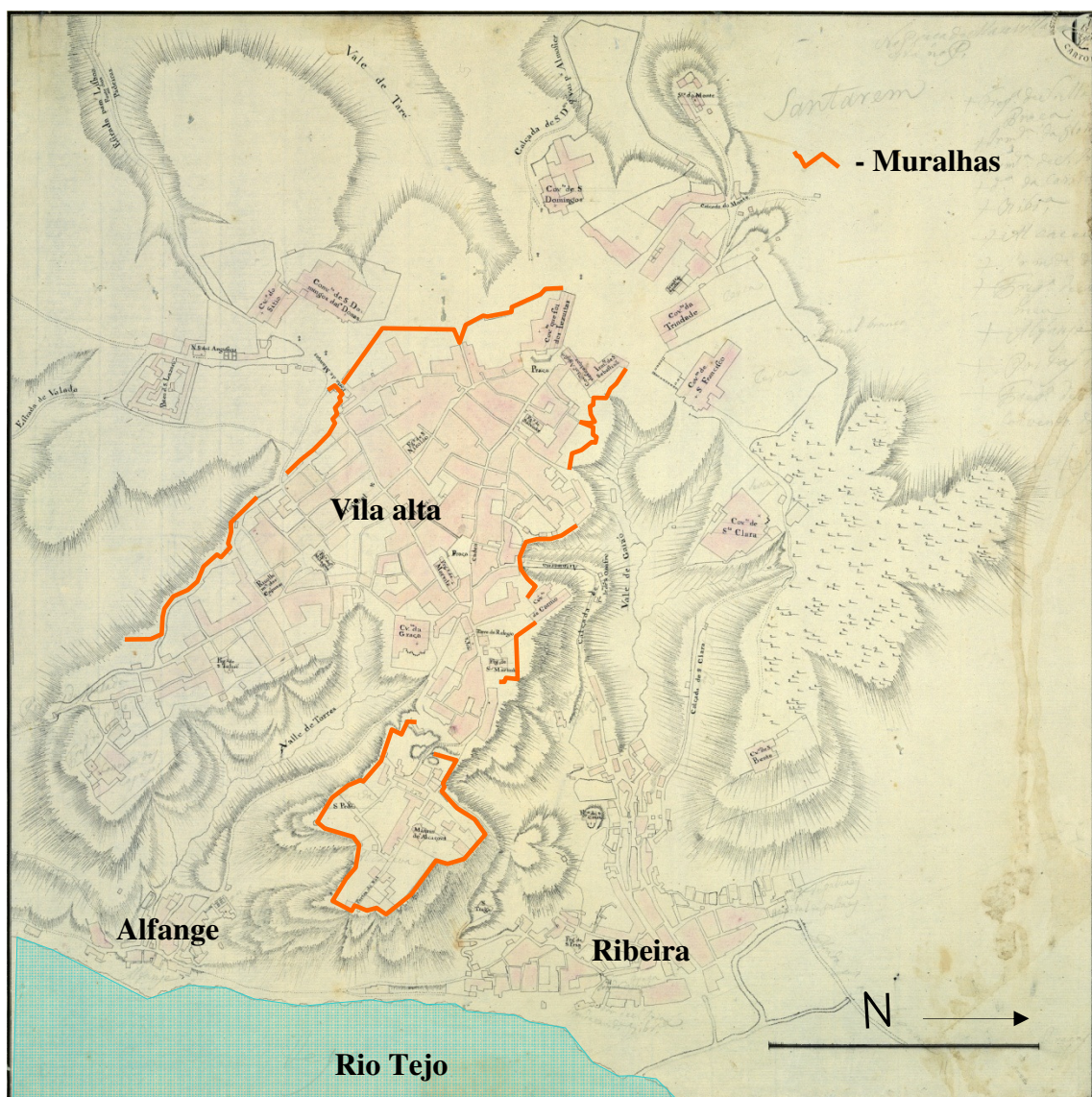


Figura 1: Santarém, muralhas da vila alta – Século XIX
(Base: IGP, 0394.jpg, autor, 2007)

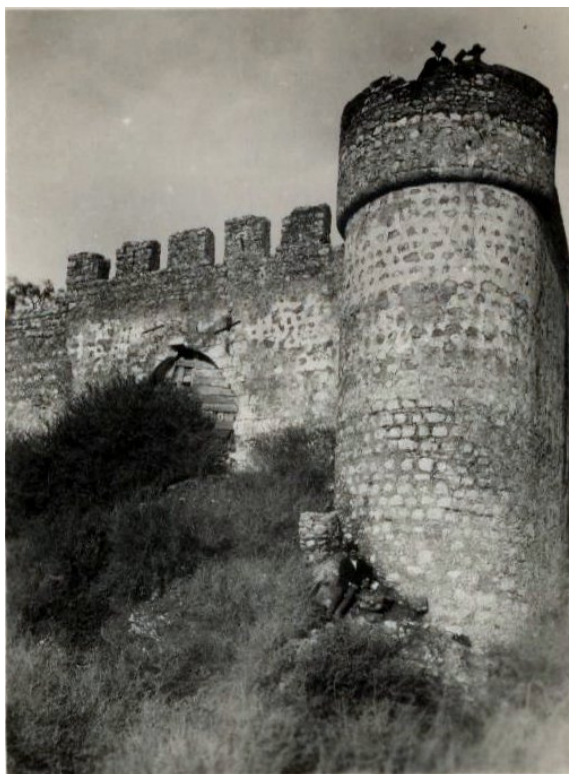


Figura 2: Muralha de Santarém, torreão das Portas-do-Sol – Década de 1940 (Ante-Plano Geral de Urbanização de Santarém, foto n.º41, reprodução de autor autorizada por DGUA – CM Santarém, 2007)

Dentro e fora do recinto muralhado da vila alta localizam-se inúmeros conventos imiscuídos na malha urbana ou implantados na envolvente, distribuídos pelas vertentes Poente e Norte, constituídos pelo tecido edificado das igrejas, mosteiros e anexos, e pelo espaço não edificado das cercas confinantes.

Nas vertentes opostas (a Nascente e a Sul), as abruptas escarpas do planalto impõem o restante limite do espaço urbano.

Fora da vila, nos locais de topografia mais plana, a maior distância entre os conventos extramuros e a muralha, define um espaço residual, apropriado para a realização de acontecimentos públicos que carecem de amplos recintos, como feiras, mercados ou corridas de cavalos, de que é exemplo o Chão-da-Feira.

Este espaço vai sendo edificado na proximidade dos conventos que agregam um certo número de serviçais e residentes, “la pérdida de las rentas de la colegiata, generalmente, importantes, acarreó la de múltiples empleos directamente dependientes del culto (músicos, acólitos, etc.)”³, formando um duplo perímetro urbano: o perímetro urbano das muralhas e o perímetro urbano dos conventos (ver figura seguinte).

³ Quirós, Francisco (1991) “Las ciudades españolas en el siglo XIX”, pp.33.

O espaço urbano intramuros de denso tecido edificado contrasta com a malha urbana de baixa densidade dos edifícios religiosos isolados e dispersos, acompanhados por um tecido edificado de parco casario.

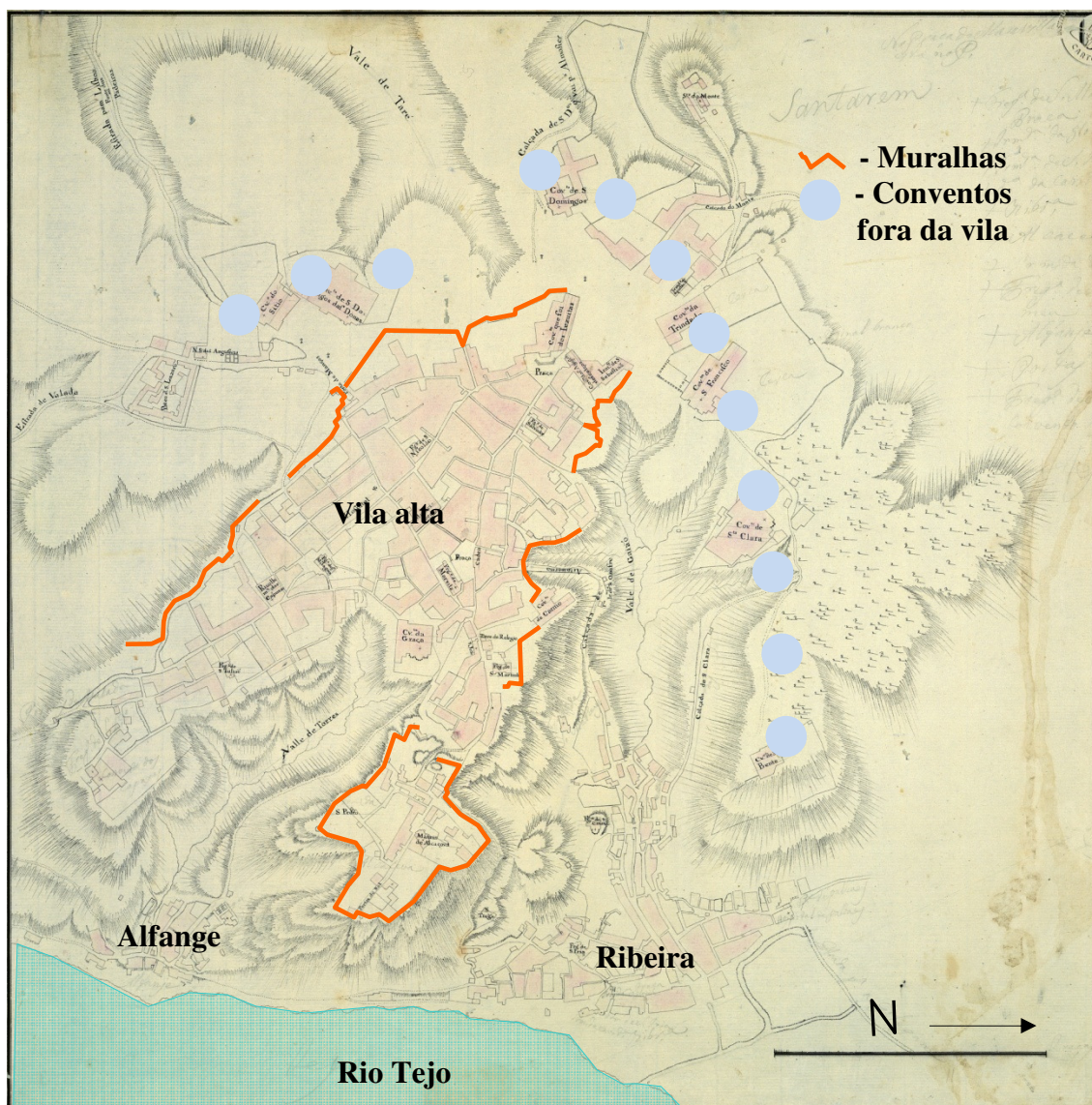


Figura 3: Santarém, muralhas da vila alta – Século XIX
(Base: IGP, 0394.jpg, autor, 2007)

2. SIGNIFICADO DA DESAMORTIZAÇÃO NO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO URBANA

Em 1834, Joaquim António de Aguiar o ministro “mata frades” determina a extinção das ordens religiosas em Portugal, na sequência da qual são incendiadas, saqueadas, destruídas e vendidas, por todo o país, igrejas, mosteiros e conventos.

A desamortização é o momento chave da transformação de Santarém, a partir do qual se abrem as muralhas da vila, para utilizações não religiosas de cariz residencial, equipamentos colectivos e funções institucionais: “los terrenos desamortizados situados en el interior de las urbes o en los alrededores de los recintos urbanos, adquieren una significación especialísima, dando lugar a una configuración jurídica, social y económica de la propiedad urbana, que va a tener una repercusión inmediata en la solución de los primeros problemas de orden urbanístico en el seno de las ciudades en expansión”⁴.

A desamortização impõe a transferência dos bens religiosos para a Fazenda Pública do Estado, que recebe grande parte dos foros de Santarém e que são posteriormente leiloados em hasta pública e incorporados no mercado de solos. “Cada uma das fases históricas distingue específicas formas de incorporar o solo no processo produtivo, nos mecanismos de produção do solo.”⁵

Os potenciais elegíveis adquirentes são lavradores, rendeiros ricos e homens com cargos respeitados na hierarquia da sociedade burguesa, que acedem ou reforçam deste modo, a prestigiante condição de proprietários. “O parcelamento do solo urbano e a oferta das parcelas resultantes no mercado, tem como consequência a privatização de um bem, a cidade, até então público e indivisível”.⁶

O solo desamortizado integra o processo produtivo e define o modelo de desenvolvimento urbano de Santarém que passa da dicotomia entre cidade e campo, entre espaço urbano e termo rural para a dicotomia entre centro urbano e periferia.

Em Santarém, a desamortização constitui uma multiplicidade de oportunidades com consequências directas nas alterações morfológicas que opera em toda a urbe, dentro e fora do perímetro urbano de traça medieval. Promove a formação da periferia, com a instalação de novas funções e contribui para as alterações arquitectónicas do tecido edificado desamortizado intramuros.

À medida que os conventos incorporam o mercado de solos como bens transaccionáveis, vai-se consolidando a cidade moderna, sede de novas repartições públicas, quartéis e equipamentos colectivos.

Neste processo, a posição da Câmara Municipal revela algum desprezo quanto à manutenção dos imóveis religiosos e uma certa urgência na sua adaptação às novas

⁴ Arellano, A. Font et al. (1976) “Valladolid, procesos y formas del crecimiento urbano – tomo I”, pp.43.

⁵ Mora, Alfonso et al. (1980) “Los centros urbanos: hacia la recuperación popular de la ciudad”, pp.71.

⁶ Piccinato, Giorgio (1993) “La construcción de la urbanística: (Alemania, 1871-1914)”

funções de que a cidade moderna tanto carece e simultaneamente com o objectivo de canalizar as receitas da venda dos bens, “para obras tão importantes como o abastecimento *d’água* à cidade, a construção d’um tribunal de justiça, a *d’um* aqueduto coberto na ribeira de Runes e *d’uma* casa para escola e *d’uma* biblioteca.”⁷

A desamortização contribui para desfazer o perímetro urbano dos complexos religiosos, cujos terrenos até então indisponíveis no mercado de solos quais coletes-de-forças inibidores à expansão urbana, impediam qualquer dinâmica de crescimento da urbe e abre a cidade, formando a génese da periferia. Terrenos e edifícios religiosos são postos em circulação com a procura a dar resposta à oferta e às expectativas da classe burguesa: “la potencialidad de los terrenos desamortizados como oferta de suelo urbano, respuesta a las expectativas de expansión burguesa y de la dinámica del crecimiento urbano”.⁸

Este processo caracteriza-se numa 1.^a fase pela ocupação dos bens desamortizados extramuros, com actividades colectivas ao ar livre (como a realização de feiras e de touradas) que a exiguidade intramuros não permite. A 2.^a fase inclui a ocupação dos bens desamortizados por equipamentos colectivos e quartéis, que se consolidam à ilharga da vila alta, num processo diferenciado com a instalação dos quartéis a ocorrer essencialmente pela adaptação de edifícios conventuais e a instalação de equipamentos colectivos a ocorrer pela construção de novos edifícios após a demolição dos conventos. A 3.^a fase processa-se pela ocupação dos bens desamortizados com a construção de novos bairros residenciais, separados no espaço de acordo com as diferentes condições sociais que a segregada cidade moderna exige. “Cuando la aglomeración urbana franqua sus límites, el corte ciudad/campo se convierte en un corte ciudad/periferia”⁹.

O interesse convergente dos benefícios da desamortização, à excepção óbvia da Igreja, contribui para a celeridade das alterações morfológicas do espaço urbano, onde se instalam paulatinamente novos “usos lucrativos”¹⁰ e onde se cultiva “o duvidoso privilégio de ser proprietário de um pequeno espaço construído”¹¹ conferindo a sensação de domínio sobre uma parcela (ainda que ínfima) do território da cidade, particularmente determinante numa sociedade como a portuguesa na qual o direito de propriedade se confunde amiúde com o direito de edificar e à qual assenta o figurino italiano presente no slogan “nem todos proletários mas todos proprietários”.

⁷ Livro de Actas da Câmara de Santarém, 30.03.1876, pp.281.

⁸ Arellano, A. Font et al. (1976) “Valladolid, procesos y formas del crecimiento urbano – tomo I”, pp.20.

⁹ Panerai, Philippe et al. (1983) “Elementos de analisis urbano”, pp.42.

¹⁰ Idem, pp.61.

¹¹ Mora, Alfonso et al. (1980) “Los centros urbanos: hacia la recuperación popular de la ciudad”, pp.34.

Com o acesso à propriedade por parte da classe burguesa dominante, o solo converte-se num bem susceptível de ser transaccionado no mercado, qual “herança envenenada da sociedade feudal”¹².

A desamortização possibilita à Câmara de Santarém encaixar nas finanças locais os montantes das vendas, aos cidadãos abastados reforçar ou aceder à condição de proprietário, discutindo a aquisição dos bens em hasta pública e aumentando o seu património pessoal, aos organismos públicos disponibilizarem de novos espaços para aí instalarem os seus serviços e à emergente classe burguesa aceder aos modernos equipamentos e infra-estruturas urbanas que os argumentos da salubridade e a disponibilidade para o lazer justificam e permitem.

3. VALORIZAÇÃO DO CENTRO URBANO PELAS NOVAS FUNÇÕES DA PERIFERIA

3.1 Construção da Praça de Touros no local do convento de S. Domingos

As vantagens financeiras da desamortização, anteriormente referidas, propiciam a demolição do convento de S. Domingos localizado na vertente Noroeste extramuros da vila alta, apesar dos “veementes protestos de Alexandre Herculano”¹³. E em 1865 é construída no local a nova Praça de Touros.

Os materiais provenientes do convento são usados, quer na construção da Praça de Touros quer em estradas, constituindo uma fonte de receitas para a Câmara Municipal, pela poupança que representam na aquisição de novos materiais. É a Câmara Municipal de Santarém que define o dia, a hora e o montante da venda de tudo o que possa ser transaccionado ou ter interesse comercial, proveniente dos extintos conventos.

A nova Praça de Touros (demolida em meados do Século XX) é o primeiro equipamento colectivo a instalar-se na periferia do Campo Sá da Bandeira, o antigo Chão-da-Feira, onde posteriormente surgirão o Mercado Municipal, a Gare Rodoviária ou o Palácio da Justiça, evidenciando “la posibilidad de utilizar los edificios y solares desamortizados como solución para los problemas de equipamiento, quizás por su proximidad al centro”¹⁴ (ver figuras seguintes).

¹² Mora, Alfonso et al. (1980) “Los centros urbanos: hacia la recuperación popular de la ciudad”, pp.54.

¹³ Serrão, Vítor “Santarém”, pp.102.

¹⁴ Arellano, A. Font et al. (1976) “Valladolid, procesos y formas del crecimiento urbano – tomo I”, pp.43.

THE SIGNIFICANCE OF THE MORPHOLOGICAL TRANSFORMATIONS IN THE ESTIMATION OF CITY CENTRES: THE CASE OF SANTARÉM

Significado das transformações morfológicas na valorização dos centros urbanos: o caso de Santarém



Figura 4: Campo Sá da Bandeira, Praça de Touros (à esq.^{da}) – Década de 1940 (Ante-Plano Geral de Urbanização, foto n.º9, reprodução de autor autorizada por DGUA – CM Santarém, 2007)

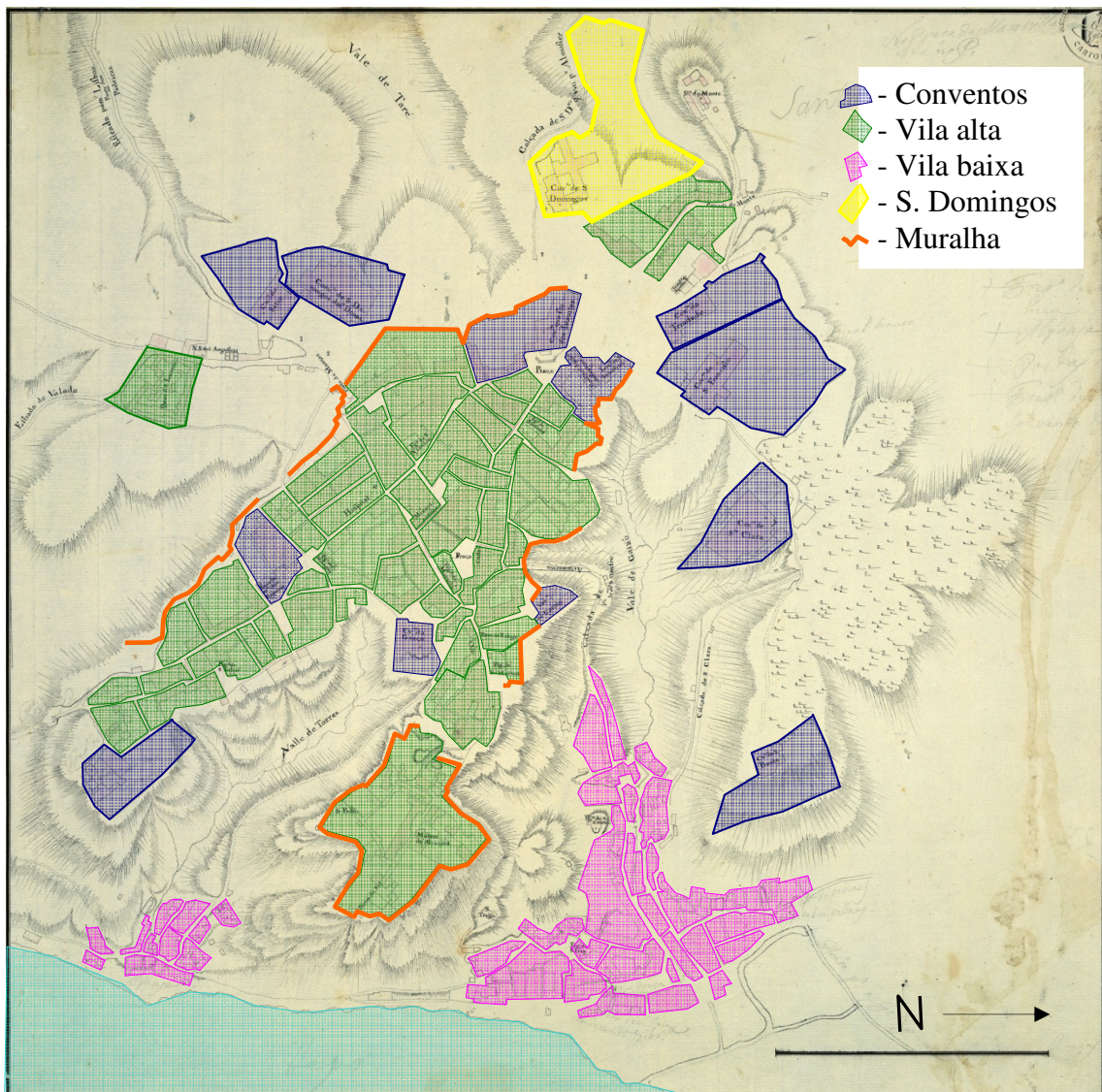


Figura 5: Localização do convento de S. Domingos (Base: IGP, 0394.jpg, autor, 2007)

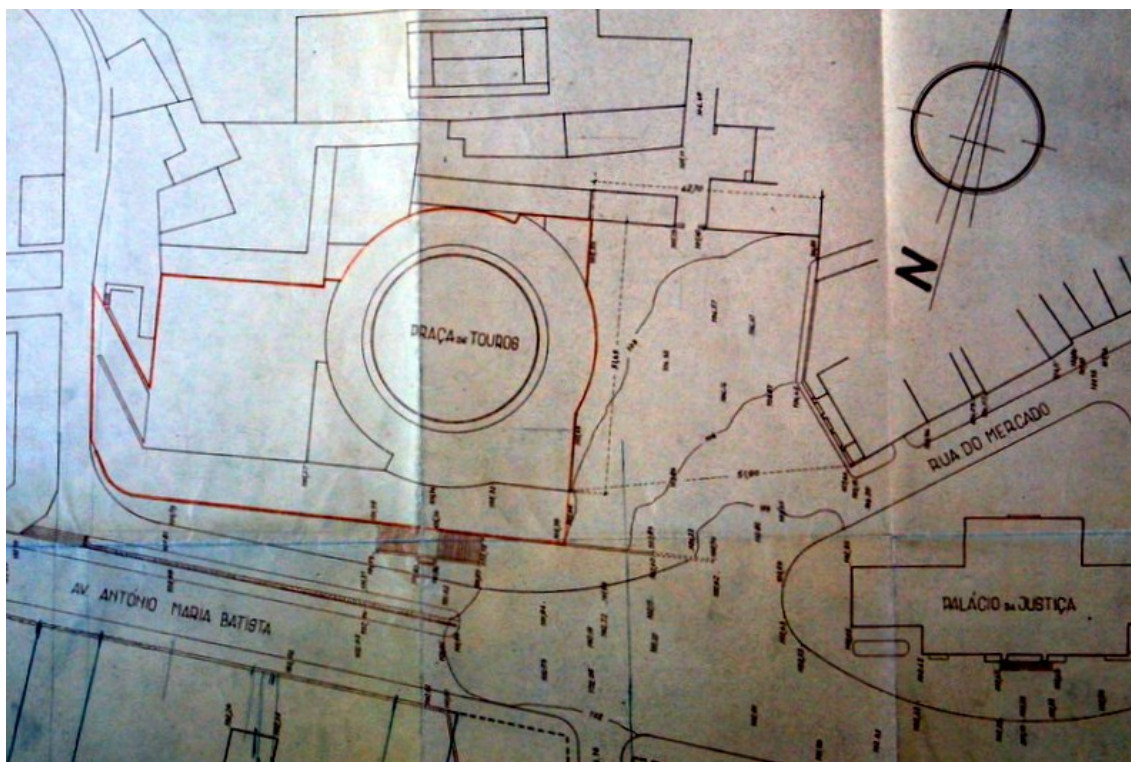


Figura 6: Praça de Touros – Meados do Século XX
(Arquivo DGUA – CM Santarém, foto e reprodução de autor autorizada por DGUA – CM Santarém, 2007)

A proximidade desta área de expansão ao centro urbano intramuros, e os equipamentos que aqui se consolidam, significa ter acesso na periferia urbana às “vantagens exclusivas que caracterizam o casco antigo”¹⁵ da cidade.

Em 1948, o Ante-Plano Geral de Urbanização de Santarém, do arquitecto-urbanista João António de Aguiar, propõe o embelezamento urbanístico da envolvente à Praça de Touros, com a criação de estacionamento públicos ao longo de um arruamento circular em torno da arena, de inspiração moderna, num desenho urbano caracterizado por: “uniform frontage lines along broad, straight streets, research into perspective effects and location of monuments on a perspective axis”¹⁶.

Consequentemente, a Praça de Touros assume o significado de elemento marcante ou ponto focal, reforçado pela rua rectilínea de amplos passeios arborizados, traçada a partir da sua fachada, no Campo Sá da Bandeira.

O tecido edificado envolvente à Praça de Touros é organizado através da utilização do quarteirão como unidade de fazer cidade, enquadrado por espaços verdes ajardinados, à imagem dos requisitos da cidade moderna com “grandes extensões de ruas, largas e

¹⁵ Mora, Alfonso et al. (1980) “Los centros urbanos: hacia la recuperación popular de la ciudad”, pp.76.

¹⁶ Choay, Françoise (1969) “The modern city: planning in the 19th century”, pp.19.

compridas, sombreadas por árvores e ladeadas por belos edifícios”¹⁷ (ver figuras seguintes).

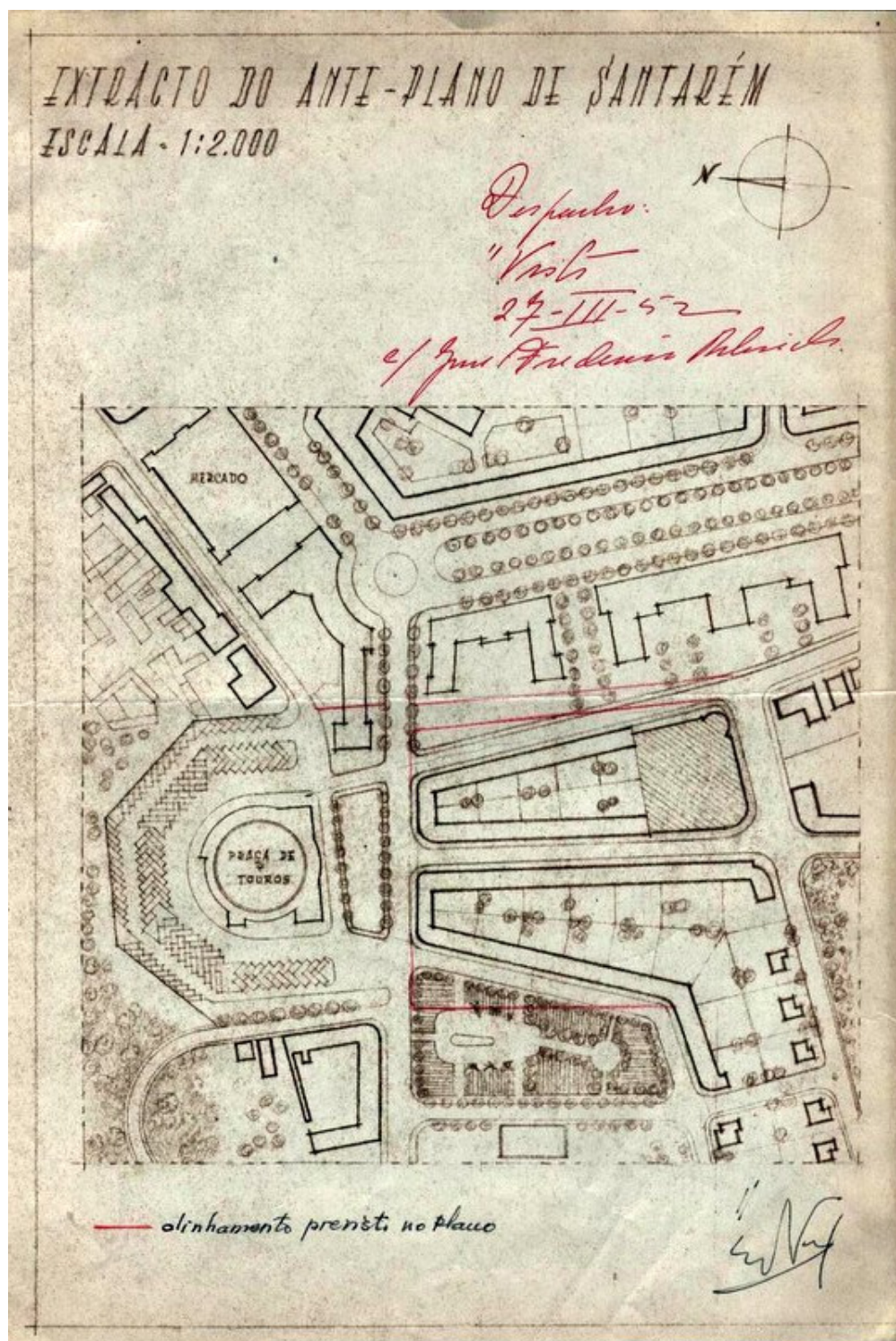


Figura 7: Extracto do Ante-Plano Geral de Urbanização de Santarém – Meados do Século XX (Arquivo DGUA – CM Santarém, foto e reprodução de autor autorizada por DGUA – CM Santarém, 2007)

¹⁷ Relph, Edward (1987) "A paisagem urbana moderna", pp.26.

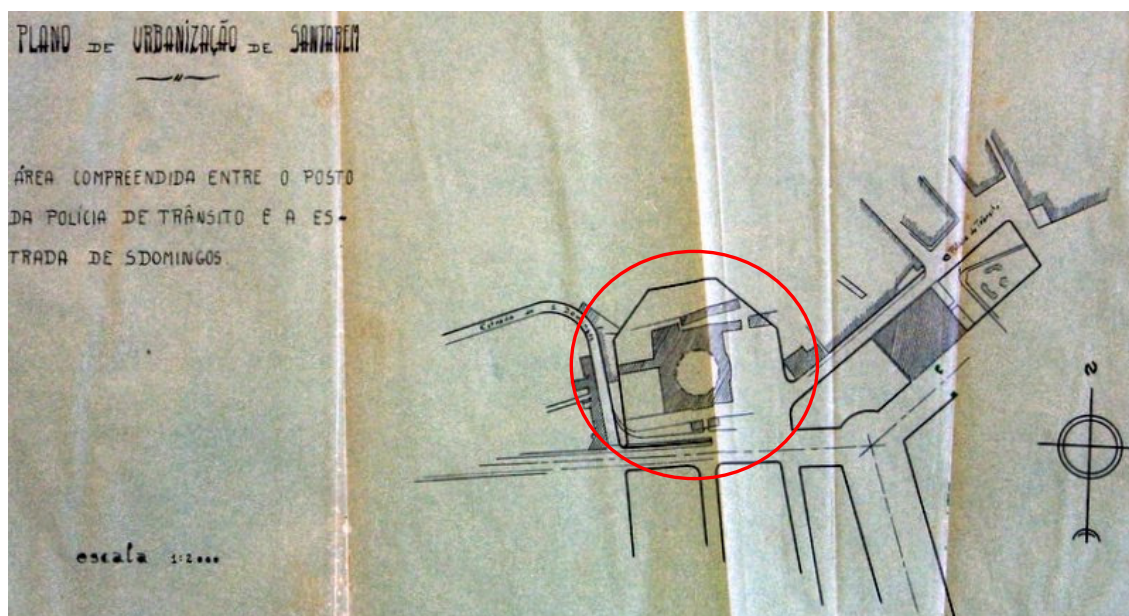


Figura 8: Arranjo urbanístico da envolvente à Praça de Touros (Arquivo DGUA – CM Santarém, foto e reprodução de autor autorizada por DGUA – CM Santarém, 2007)

3.2 Instalação do quartel nos conventos de S. Francisco e da Trindade

No convento de S. Francisco, relata a descrição que “alguns malvados, para o abrirem (a ver se achavam alguma *cousa* que roubar) lhe quebraram partes dos seus primorosos relevos. O mosteiro serviu muitos *annos*, de quartel de *cavallaria* numero 4 e desde que este regimento se mudou para Lisboa, ficou quartel de artilharia n.º3. A sua *magestosa igreja* está servindo de palheiro (!!!) e com escândalo de todos os *portuguezes* (não só católicos mas simplesmente respeitadores dos mortos, e dos monumentos de reconhecido mérito, artístico e histórico) os vários *tumulos* que ainda existem *n’esta igreja*, estão profanados e mutilados. Os vândalos julgando achar dentro algum tesouro *dospedaçaram* a tampa mas só os ossos acharam”.¹⁸

O processo de desamortização do convento de S. Francisco e do convento da Trindade com o qual confina, localizados na vertente Norte extramuros da vila alta (ver figura seguinte) ocorre através de dois tipos de alterações morfológicas:

- A adaptação dos edifícios religiosos às novas funções militares;
- A ocupação das antigas cercas, com a construção de novos edifícios integrados nos logradouros dos quartéis de que são exemplos a cozinha, o refeitório, a garagem, a arrecadação, a caserna, as cavalariças ou o picadeiro.

¹⁸ Leal, A. Pinho (1878) “Portugal antigo e moderno. *diccionário geographico, estatístico, chronographico, heráldico, archeologico, histórico, biographico e etymologico* de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal”, pp.544.

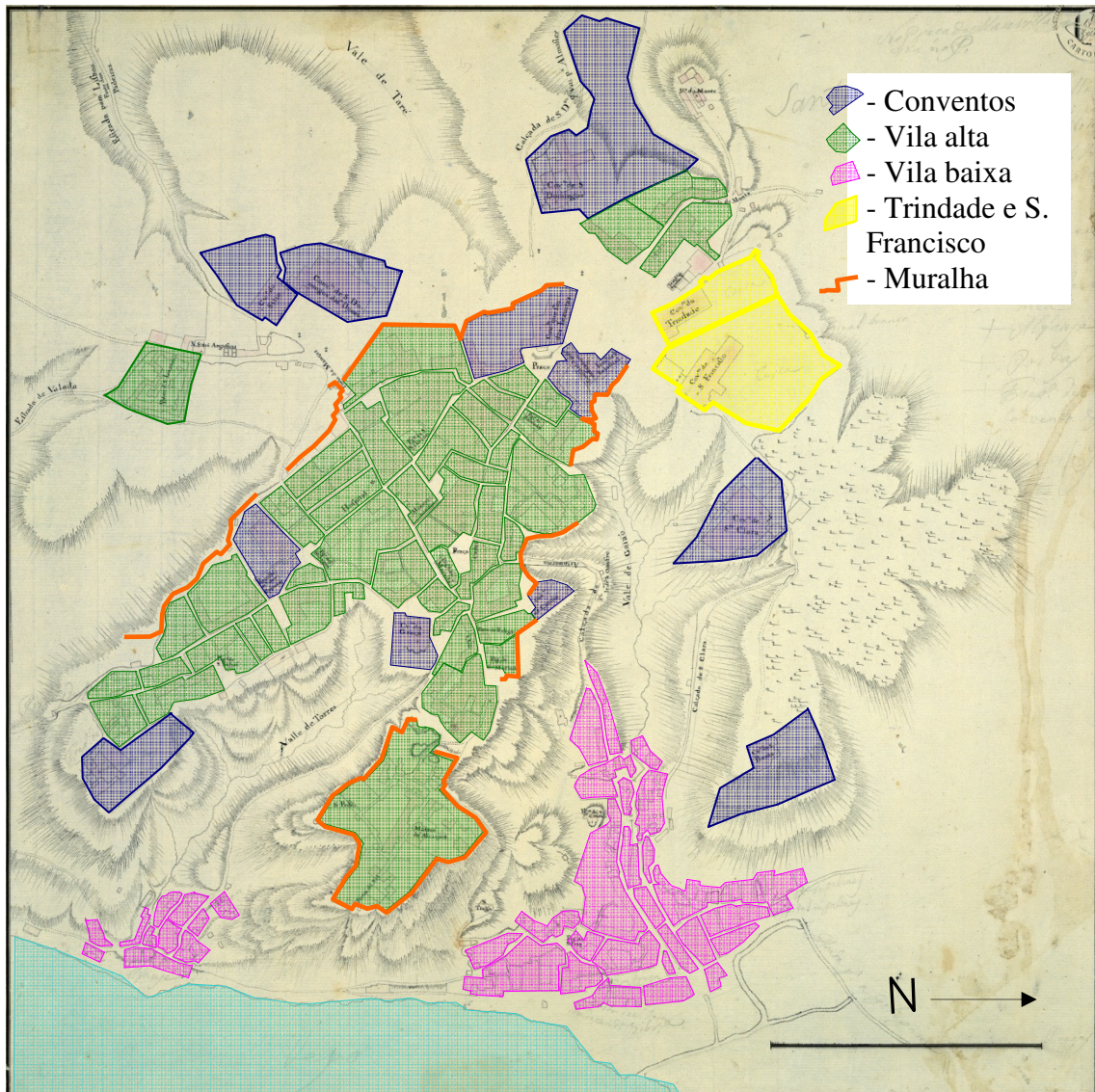


Figura 9: Localização dos conventos da Trindade e de S. Francisco
(Base: IGP, 0394.jpg, autor, 2007)

A igreja de S. Francisco (ver figura seguinte) é “profanada pela forma mais humilhante que ao homem é dado imaginar. Uma cavaliçã! Se almas penadas existissem, teriam horror ao percorrer aquelas lajes”¹⁹.

¹⁹ Sarmiento, Zeferino (1993) “História e monumentos de Santarém”, pp.22.

THE SIGNIFICANCE OF THE MORPHOLOGICAL TRANSFORMATIONS IN THE ESTIMATION OF CITY CENTRES: THE CASE OF SANTARÉM

Significado das transformações morfológicas na valorização dos centros urbanos: o caso de Santarém

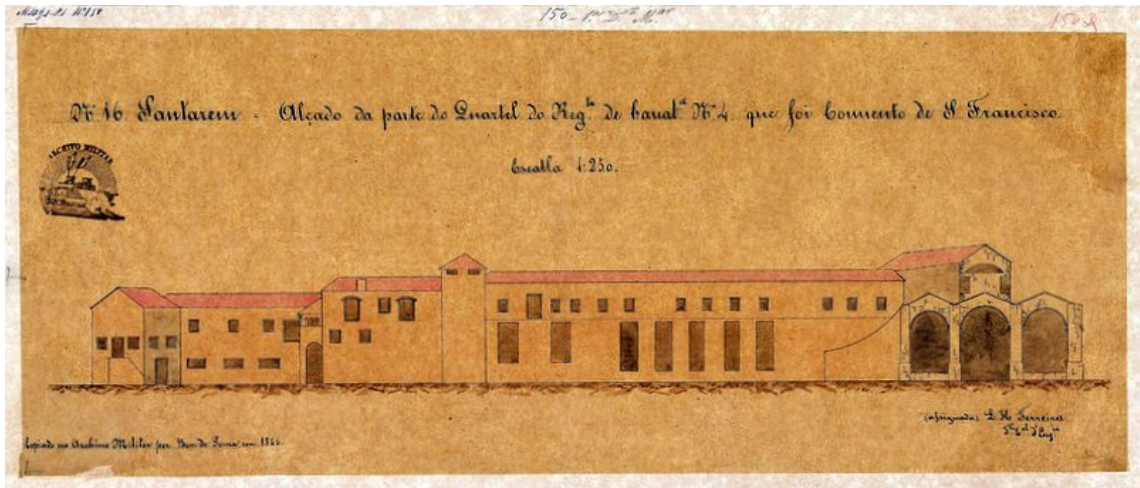


Figura 10: Alçado do Quartel do Regimento de Cavalaria n.º4 que foi Convento de S. Francisco – 1866 (DI Exército Português, 3543_IV-3-31-43.jpg)

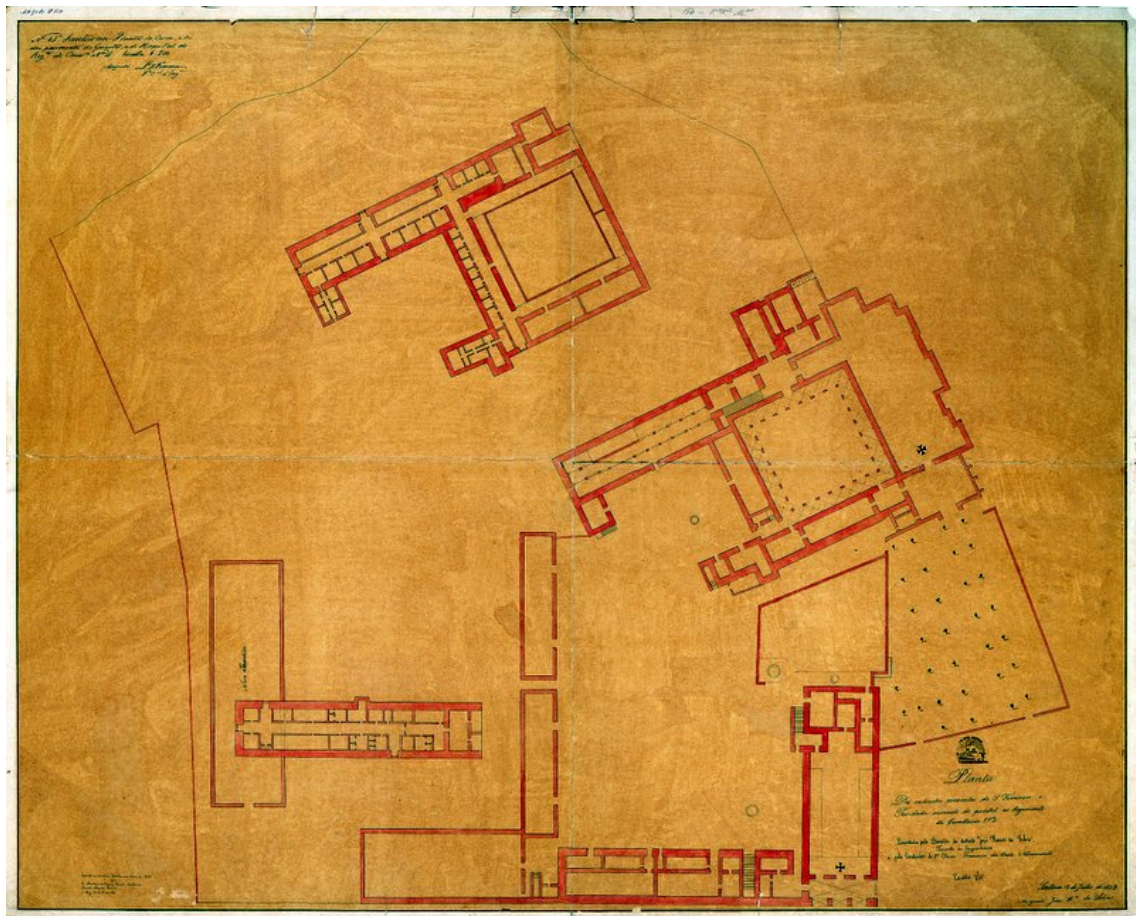


Figura 11: Planta dos *extinctos* conventos de S. Francisco e da Trindade servindo de quartel ao Regimento de Cavalaria n.º4 – 1862 (DI Exército Português, 3543_III-3-31-43.jpg)

O projecto de 1845 de instalação do quartel do regimento de cavalaria n.º4 nos extintos conventos de S. Francisco e da Trindade, resulta na alteração fundiária das parcelas desamortizadas (ver figura anterior).

Tal alteração fundiária tem como mecanismo, o emparcelamento dos terrenos anteriormente pertencentes em separado a cada um dos conventos (de S. Francisco e da Trindade), que passam a ser unidos numa única propriedade (na sua totalidade ocupada pelo quartel).

Data de 1853 o projecto da nova cavalaria para 100 cavalos, a erigir no local (ver figura seguinte).

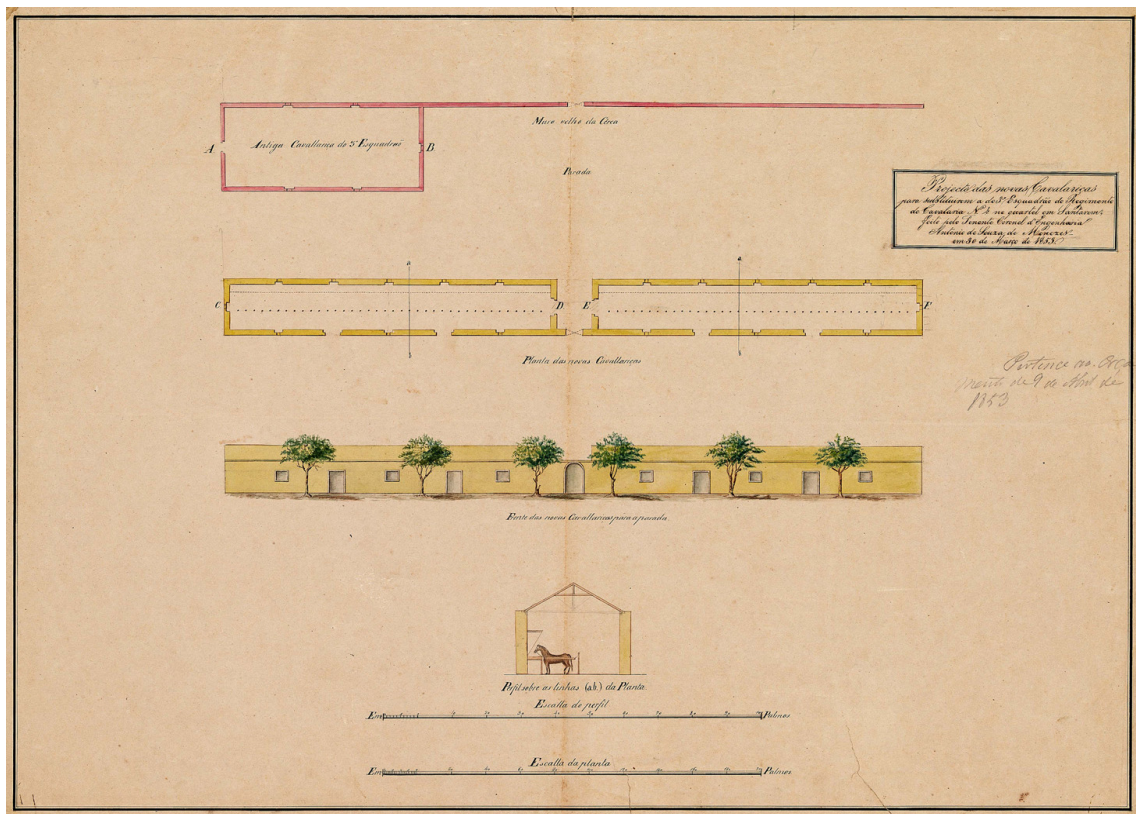


Figura 12: Projecto das novas Cavalariças do Regimento de Cavalaria n.º4 – 1853 (DI Exército Português, 3534_I-3-31-43.jpg)

Em 1854 constroem-se as casernas e em 1863 o picadeiro (ver figura seguinte).

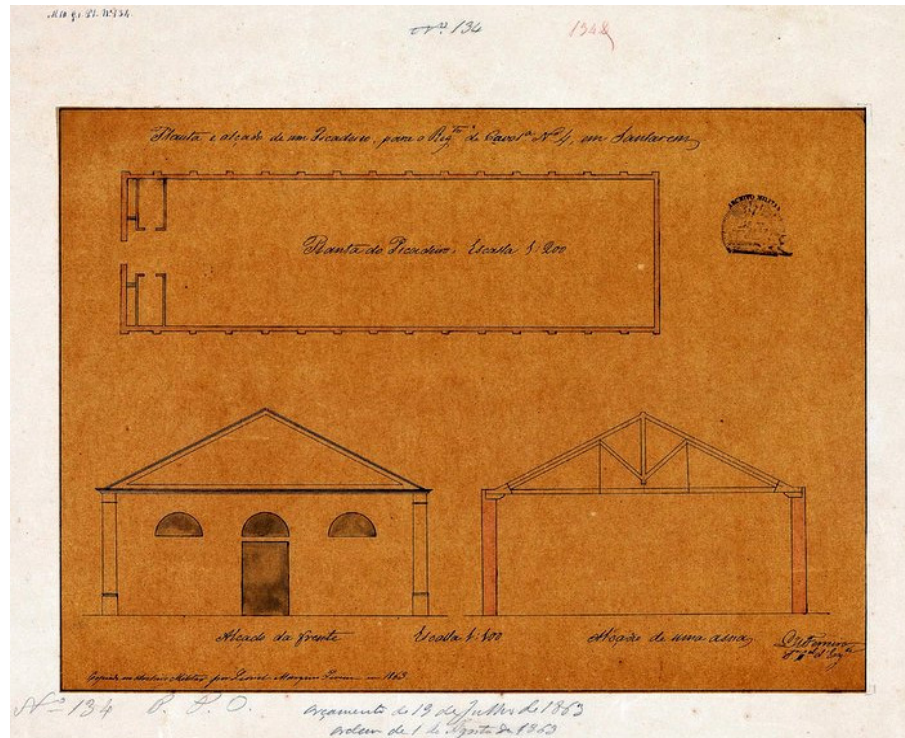


Figura 13: Picadeiro para o Reg.^{to} de Caval.^a n.º 4 – 1863
(DI Exército Português, 3540-3-31-43.jpg)

Após a derrocada, a igreja do convento da Trindade é substituída por um novo edifício projectado para o local. De aparência forte, a igreja mantivera-se de pé “mas, na verdade, aguardava a hora de se desmoronar, ameaçando ruína eminente e não havendo grandes possibilidades de a consolidar, o seu fim não iria longe. As fendas abertas em todos os sentidos e a ruína seriam cada vez maiores. Um dia, tal como em 1866 sucedeu à fachada, desmoronar-se-ia”²⁰ (ver figuras seguintes).

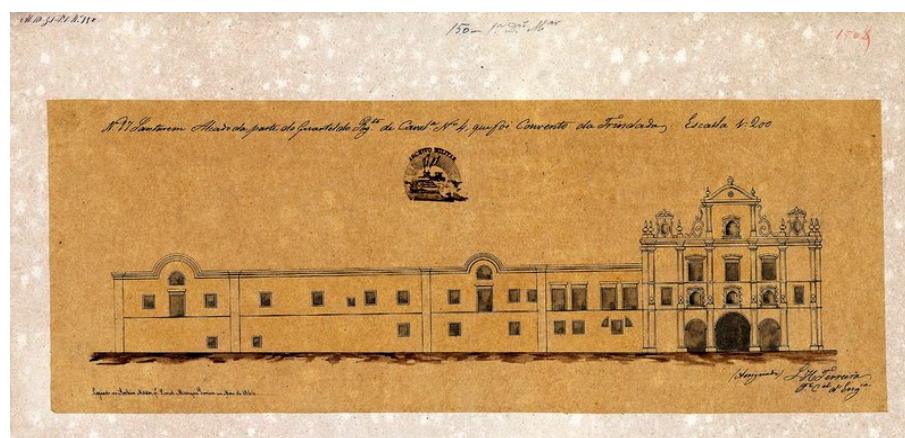


Figura 14: Alçado da parte do quartel do Reg.^{to} de Caval.^a n.º 4, que foi Convento da Trindade – 1866
(DI Exército Português, 3543_III-3-31-43.jpg)

²⁰ Sarmiento, Zeferino (1993) “História e monumentos de Santarém” (a frontaria da igreja ruiu a 7.02.1866), pp.153.

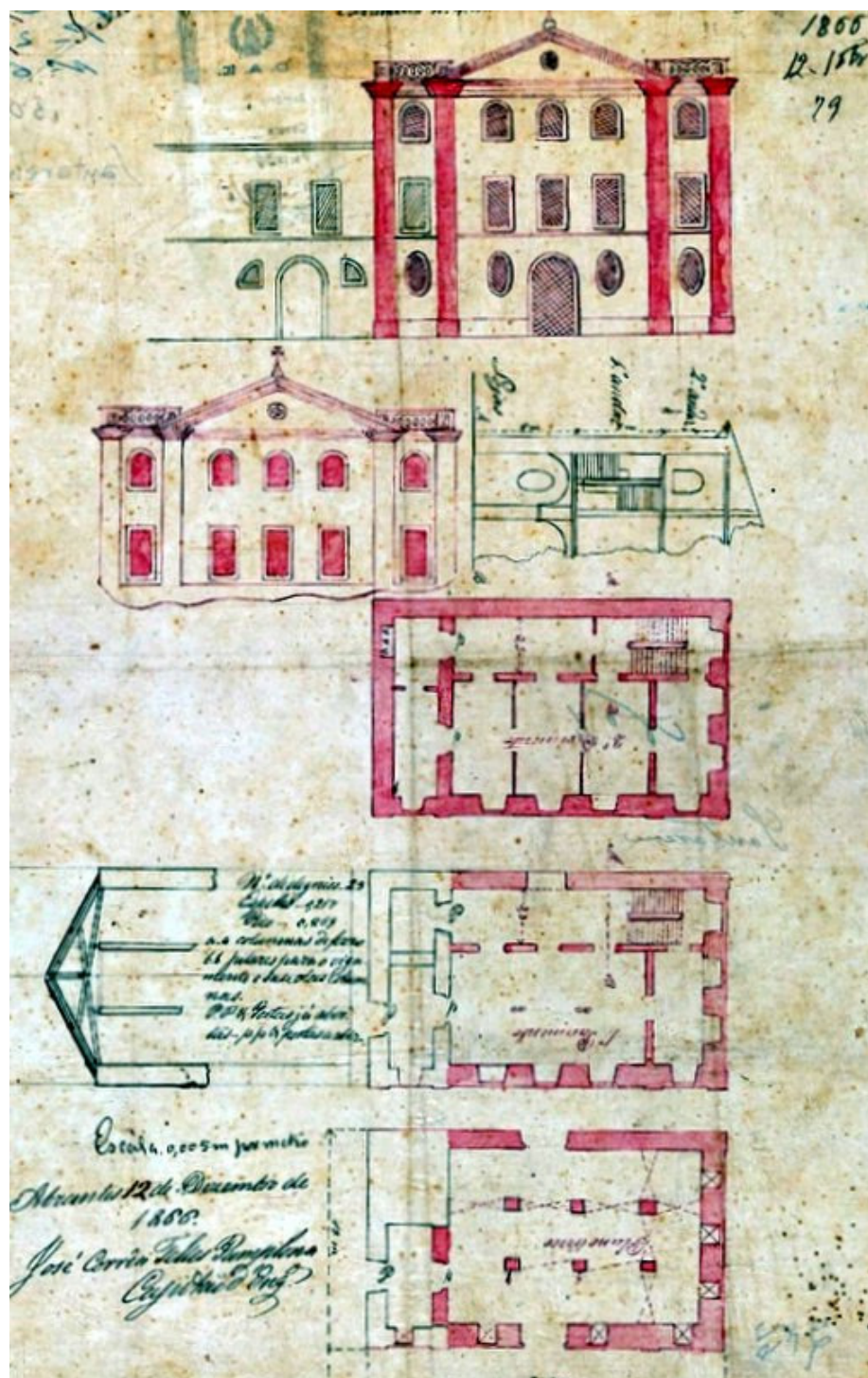


Figura 15: Projecto de uma nova edificação no espaço *compreendido* pelas ruínas da igreja da Trindade junto ao Quartel do Regimento de Cavallaria n.º4 – 1866 (DI Exército Português, 3529_I-3-31-43.jpg)

3.3 Instalação do hospital no convento do Sítio

O convento de Jesus do Sítio (ver figura seguinte) é adaptado a hospital e a quartel do regimento de infantaria n.º10, sendo ainda partilhado com os padres residentes e alguns rendeiros que aí estabelecem a sua habitação.

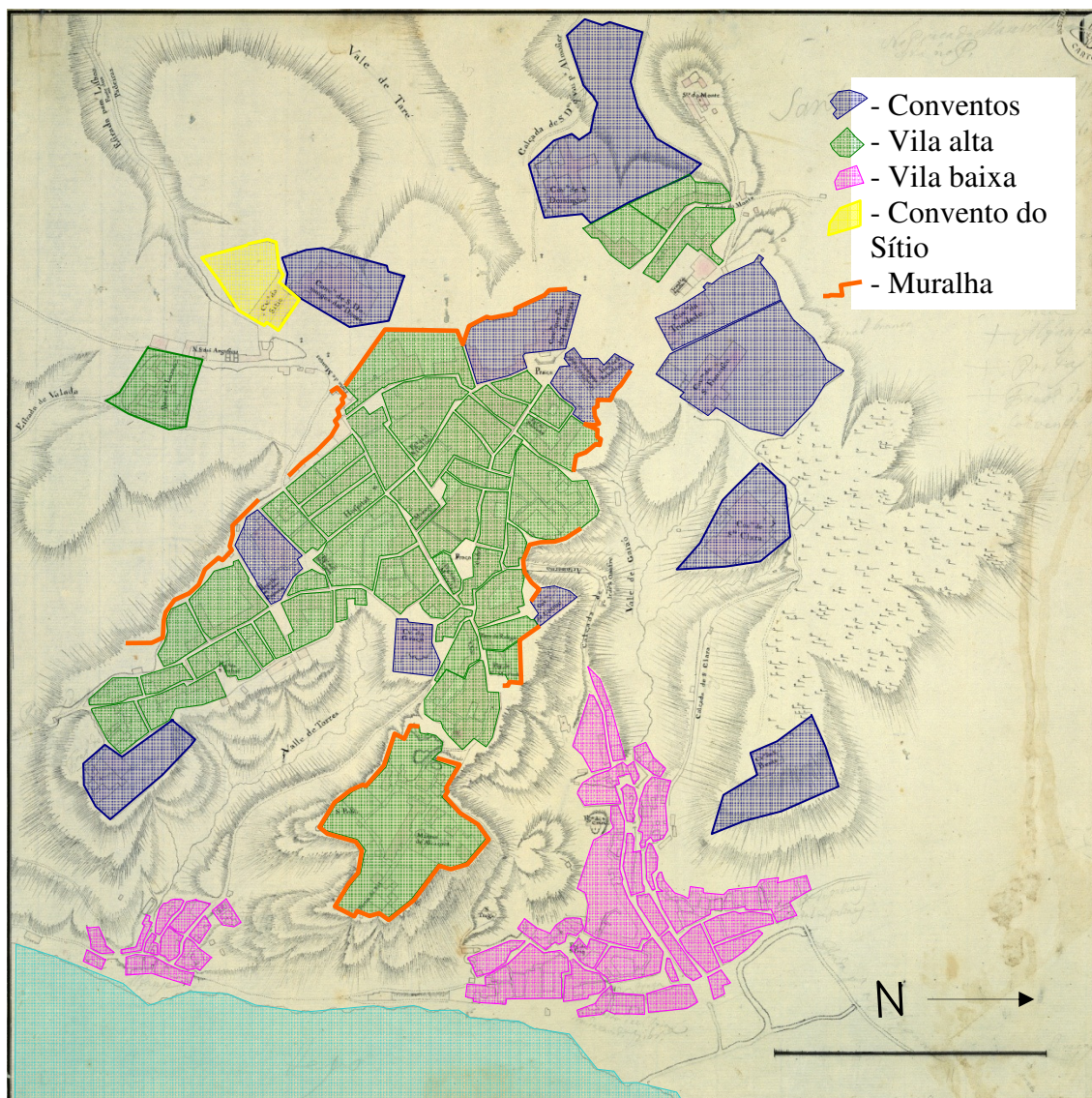


Figura 16: Localização do convento de Jesus do Sítio
(Base: IGP, 0394.jpg, autor, 2007)

No piso térreo do edifício (ver figura seguinte) passam a localizar-se para além da igreja e da cisterna, a cozinha, o refeitório, a escada de acesso ao hospital e as casas de habitação dos rendeiros.

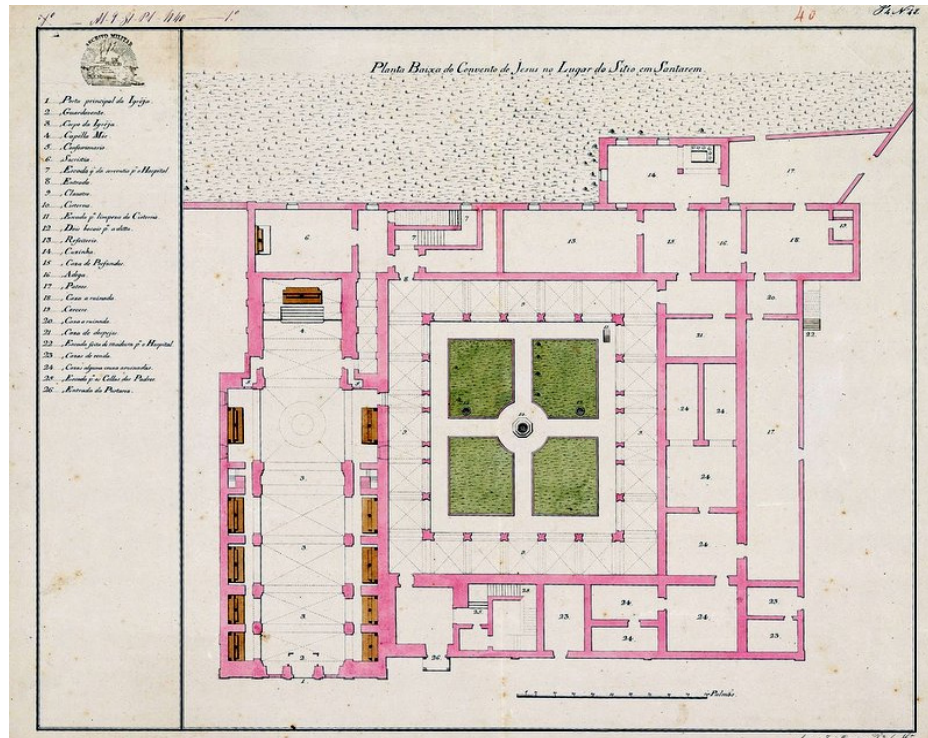


Figura 17: Planta baixa do Convento de Jesus do Sítio (DI Exército Português, 3527_XVII-3-31-43.jpg)

No 2.º piso ficam instaladas a enfermaria, a botica e o quarto do cirurgião (ver figura seguinte).

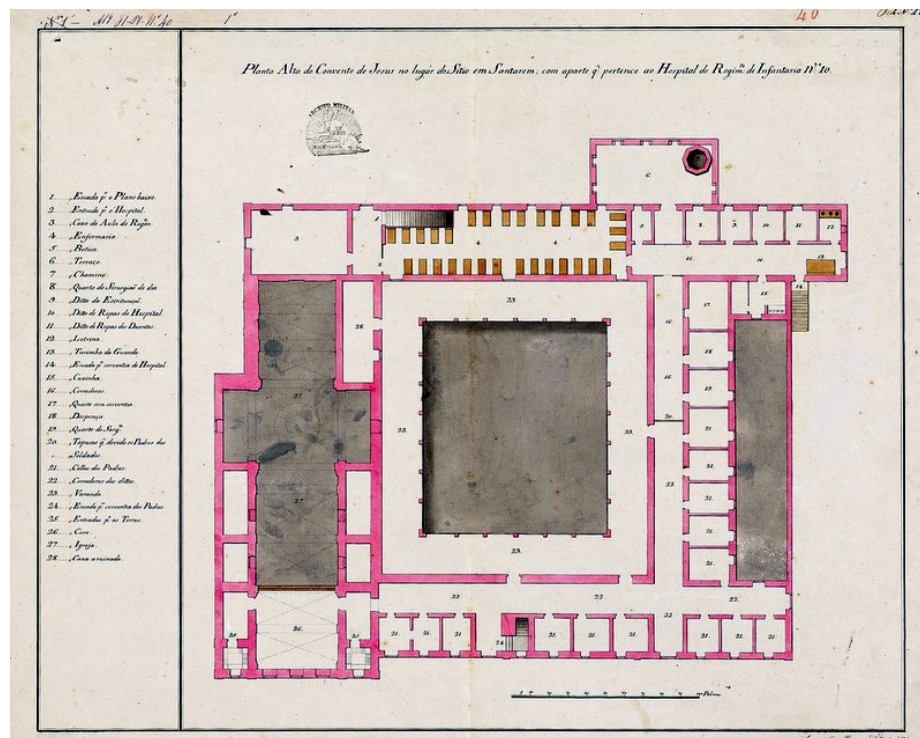


Figura 18: Planta alta do Convento de Jesus do Sítio, parte pertencente ao Hospital do Reg.º de Inf.ª n.º 10 (DI Exército Português, 3527_XVIII-3-31-43.jpg)

Exemplo da aquisição dos edifícios desamortizados, incluindo o casario envolvente aos imóveis religiosos, por particulares com fins habitacionais (ver figura seguinte) é o aforamento de parte do legado do convento do Sítio a Porfírio Pereira Galvão.

Este processo de transferência da propriedade religiosa para as entidades privadas, revela-se no caso da cidade de Santarém célere dadas as vantagens para ambas as partes envolvidas, vendedor e comprador. Tais vantagens observam-se no facto de os cidadãos interessados na compra, anteciparem a sua intenção à própria iniciativa de venda por parte da Fazenda Nacional. “Porfírio Pereira Galvão, desta *villa* pede que a Câmara Municipal lhe dê de *afforamento* uma casa sita no largo de fora da *villa* junto ao convento de S. Domingos. Deliberou a Câmara que fosse pedida autorização ao excelentíssimo conselho administrativo d’este *districto* a necessária autorização para poder realizar o referido contrato.”²¹

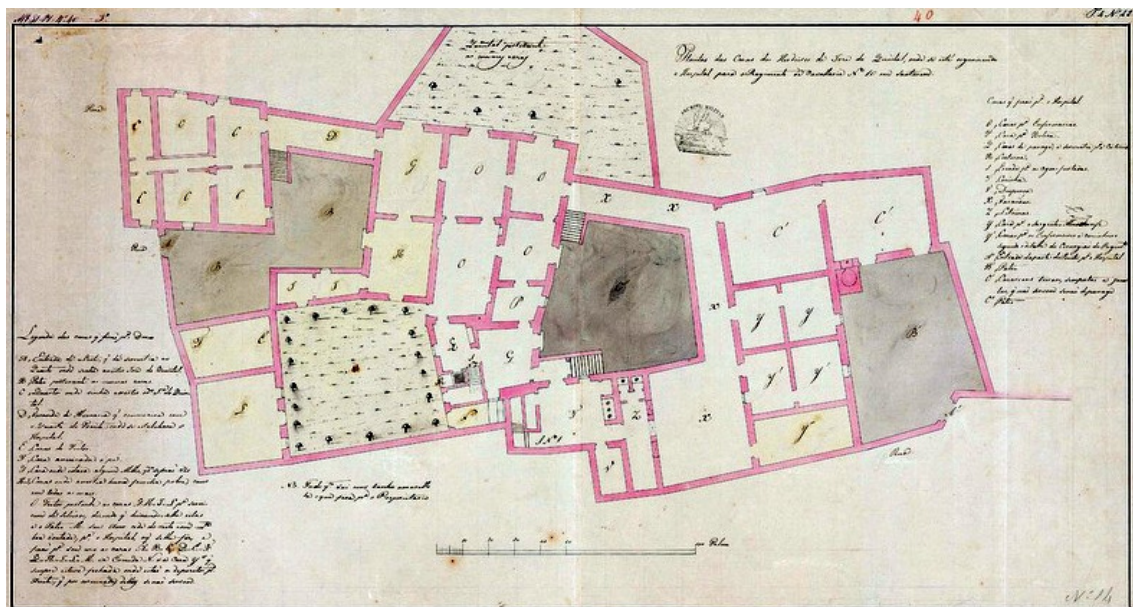


Figura 19: Casa dos herdeiros de Jozé do Quintal (Hospital do reg.¹⁰ de Cavallaria n.º 10) (DI Exército Português, 3527_XIX-3-31-43.jpg)

4. TRANSFORMAÇÕES MORFOLÓGICAS NO CENTRO URBANO

4.1 Novas funções do centro urbano

Na sequência da desamortização, são demolidas na vila alta intramuros, várias igrejas e transformadas outras como a de S. João do Alporão, que é adaptada a Teatro em 1849 e posteriormente a Museu Arqueológico em 1876. “Foi *creado* um museu *archeologico* e

²¹ Livro de Actas da Câmara de Santarém, 01.04.1861, pp.73.

uma exposição permanente dos produtos industriais do distrito.”²² A igreja de S, Martinho é demolida para aí se erigir o moderno Teatro Rosa Damasceno posteriormente remodelado na sequência do advento do sonoro em Teatro-Cine Rosa Damasceno (ver figura seguinte).



Figura 20: Teatro Rosa Damasceno – Anterior à remodelação de 1938
(Reprodução de autor autorizada por DR Lisboa - IPPAR, 2007)

Associado à actividade religiosa e ao ensino permanece o convento dos Jesuítas, localizado na Praça Sá da Bandeira, no qual se instala o Seminário Patriarcal (ver figura seguinte) e um estabelecimento de ensino liceal.

²² Leal, A. Pinho (1878) “Portugal antigo e moderno. *diccionário geographico, estatístico, chronographico, heráldico, archeologico, histórico, biographico e etymologico* de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal”, pp.455.



Figura 21: Seminário – Década de 1940
(Ante-Plano Geral de Urbanização de Santarém, foto n.º8, reprodução de autor autorizada por DGUA – CM Santarém, 2007)

À semelhança de outras cidades, poder-se-á referir a propósito de Santarém, que nem todos os complexos conventuais desaparecem da vila alta intramuros “na voragem da venda dos bens nacionais”²³. O convento da Graça, cuja conhecida igreja personifica o expoente máximo do gótico na cidade, é vendido por tuta-e-meia e adquirido por um particular para fins habitacionais, sendo ocupado por diversas famílias.

Posteriormente, é vendido a uma instituição de assistência social, o Lar Distrital de S.¹⁰ António. Alguns autores referem terem sido “as suas dependências desbaratadas”²⁴, mas contudo, “a área conventual foi preservada e adaptada aos fins da instituição assistencial, sofrendo alterações de pouca monta em relação à sua arquitectura dos princípios de seiscentos”²⁵.

A delapidação do património arquitectónico, inclui no caso da igreja da Graça o episódio da profanação em 1882, do túmulo de Pedro Álvares Cabral (descobridor do Brasil em 1500).

²³ Custódio, Jorge “Património a propor classificação, imóveis de interesse público, claustro e vestígios do convento da Graça” (separata policopiada), IPPAR.

²⁴ Serrão, Vítor “Santarém”, pp.102.

²⁵ Custódio, Jorge “Património a propor classificação, imóveis de interesse público, claustro e vestígios do convento da Graça”, (separata policopiada), IPPAR

Em 1906 são demolidas na vila alta, a igreja do Salvador tendo como consequência na morfologia urbana da cidade, o alargamento do espaço público do largo onde se localizava; são demolidas todas as dependências do convento de S.^{ta} Clara à excepção da igreja, o hospital de Jesus Cristo e o mosteiro da Trindade.

A estas demolições, não terá sido alheia a fundação em 1913, da Comissão de Salvaguarda e Valorização do Património de Santarém, incapaz de travar a destruição dos imóveis que prossegue com a demolição do convento do Carmo para dar lugar às dependências do Governo Civil, ainda que ao invés do desejo da Câmara Municipal, de solicitar “ao Governo a igreja em ruínas do extinto convento do Carmo para ser adaptada ao tribunal judicial, que esta cidade tanto carece.”²⁶

4.2 Construção do novo cemitério público e reformas viárias

O convento dos Capuchos, afastado do centro da cidade no extremo Sul do planalto (ver figura seguinte), é demolido “e parte da cerca é hoje o cemitério *publico*”²⁷. O novo cemitério é construído em 1870 sendo constituído por dois pavimentos, “o inferior (a E.) pertence aos pobres, e o superior, aos ricos! Já se vê que não é considerado campo de *egualdade*”²⁸, revelando que uma sociedade desigualitária como a burguesa, não admite afinal uma cidade de iguais, sejam vivos ou não.

Para além do cemitério, a demolição do convento dos Capuchos permite proceder à rectificação do traçado viário de ligação ao centro urbano e ao seu alargamento.

O projecto da nova rua data de 1874 e implica o recurso ao processo de expropriações por utilidade pública, tendo como entidade expropriante a Câmara Municipal de Santarém, como revelam as declarações de 1876 segundo as quais “o Senhor vereador pediu o seguinte esclarecimento com respeito à estrada que conduz ao Cemitério e que ainda não está concluída: quais as expropriações feitas, nomes dos expropriados e valor de cada uma das expropriações e se os processos foram judiciais ou amigáveis.”²⁹

A moderna legislação urbanística, possibilita o recurso à expropriação para concretizar a realização de obras públicas e de reformas viárias, pois à semelhança do que acontecia noutros países Europeus, as epidemias de cólera que devastavam as populações designadamente após 1830, despoletam a legislação sanitária e são o precedente directo

²⁶ Livro de Actas da Câmara de Santarém, 9.03.1876, pp.278.

²⁷ Leal, A. Pinho (1878) “Portugal antigo e moderno. *diccionario geographico, estatístico, chronographico, heráldico, archeologico, histórico, biographico e etymológico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal*”, pp.544.

²⁸ Idem, pp.588.

²⁹ Livro de Actas da Câmara de Santarém, 3.02.1876.

da moderna legislação urbanística que desde cedo generaliza a noção de expropriação “estendendo-se das obras públicas a todo o corpo da cidade.”³⁰

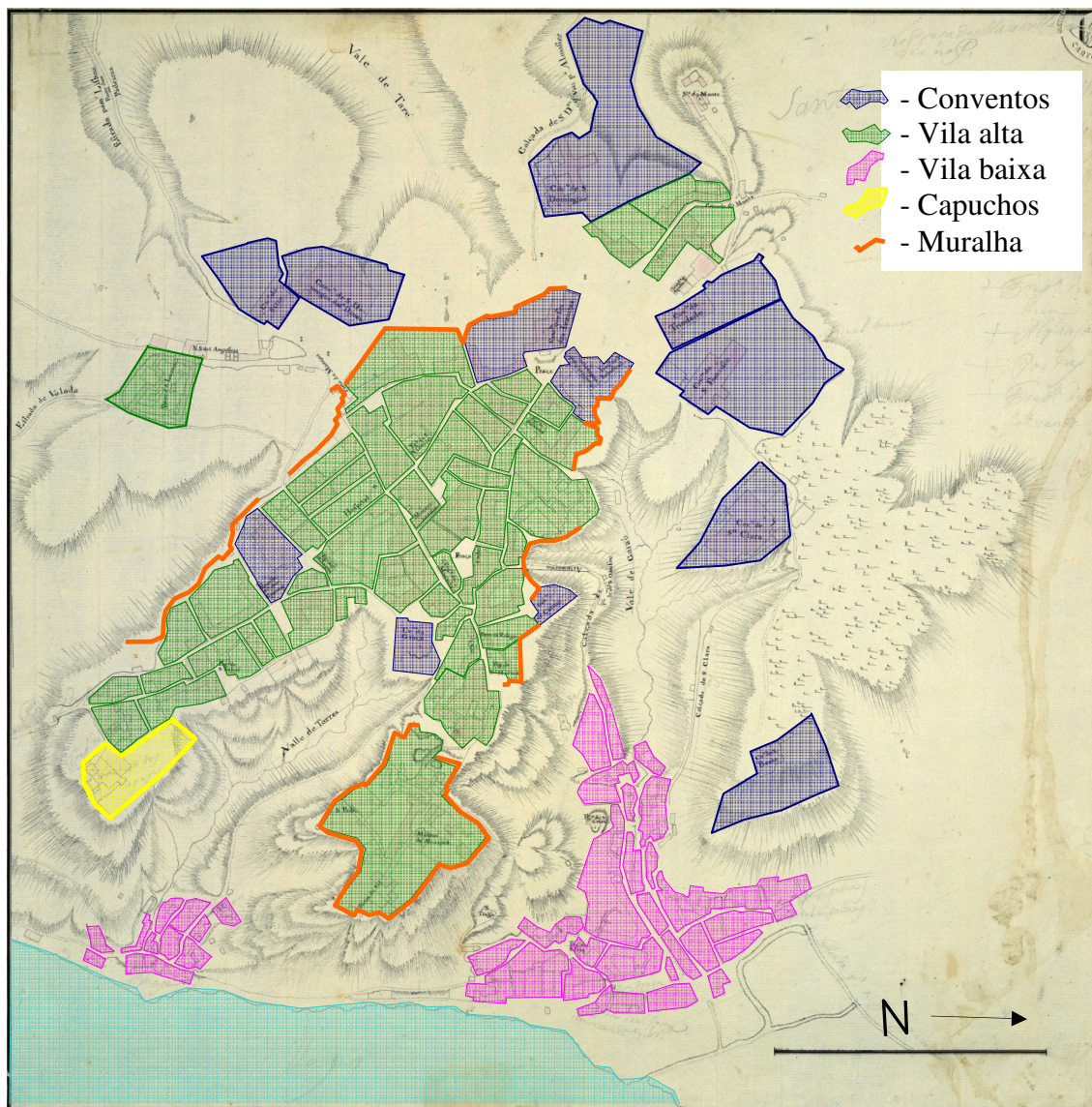


Figura 22: Localização do convento dos Capuchos – 1801
(Base: IGP, 0394.jpg, autor, 2007)

As alterações na morfologia urbana no monte dos Capuchos entre meados do século XVIII e meados do século XIX são imperceptíveis, pois a mudança acontece a partir da década de 1870 com a demolição do convento e a construção do cemitério, sendo para tal rectificadas os traçados viários de acesso ao moderno equipamento, símbolo da salubridade e higiene urbanas, localizado no limite Sul intramuros da cidade (ver figura seguinte).

³⁰ Sica, Paolo (1981) “Historia del urbanismo. el siglo XX”, pp.94



Figura 23: Morfologia urbana do Monte dos Capuchos – Década de 1920
(Arquivo DGUA – CM Santarém, foto e reprodução de autor autorizada por DGUA – CM Santarém, 2007)

4.3 O planeado bairro de S. Bento

O convento de S. Bento, após ter sido vendido ao desbarato em 1847, “cai em ruína inestimável”³¹, sendo demolido e “os seus materiais empregados em diferentes obras”³². É na década de 1940 que começa no local as obras de urbanização com vista à execução do designado “Plano de Urbanização do Alto de S. Bento” esboçado em 1939 pelo arquitecto-urbanista João António de Aguiar. Desta proposta faz parte a construção do novo estabelecimento de ensino, o Liceu Nacional de Sá da Bandeira ao qual conduz, um largo arruamento ladeado de amplos passeios arborizados ao estilo *boulevard* (ver figuras seguintes).

³¹ Serrão, Vítor “Santarém”, pp.102.

³² Leal, A. Pinho (1878) “Portugal antigo e moderno. *diccionário geographico, estatístico, chronographico, heráldico, archeologico, histórico, biographico e etymologico* de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal”, pp.546.

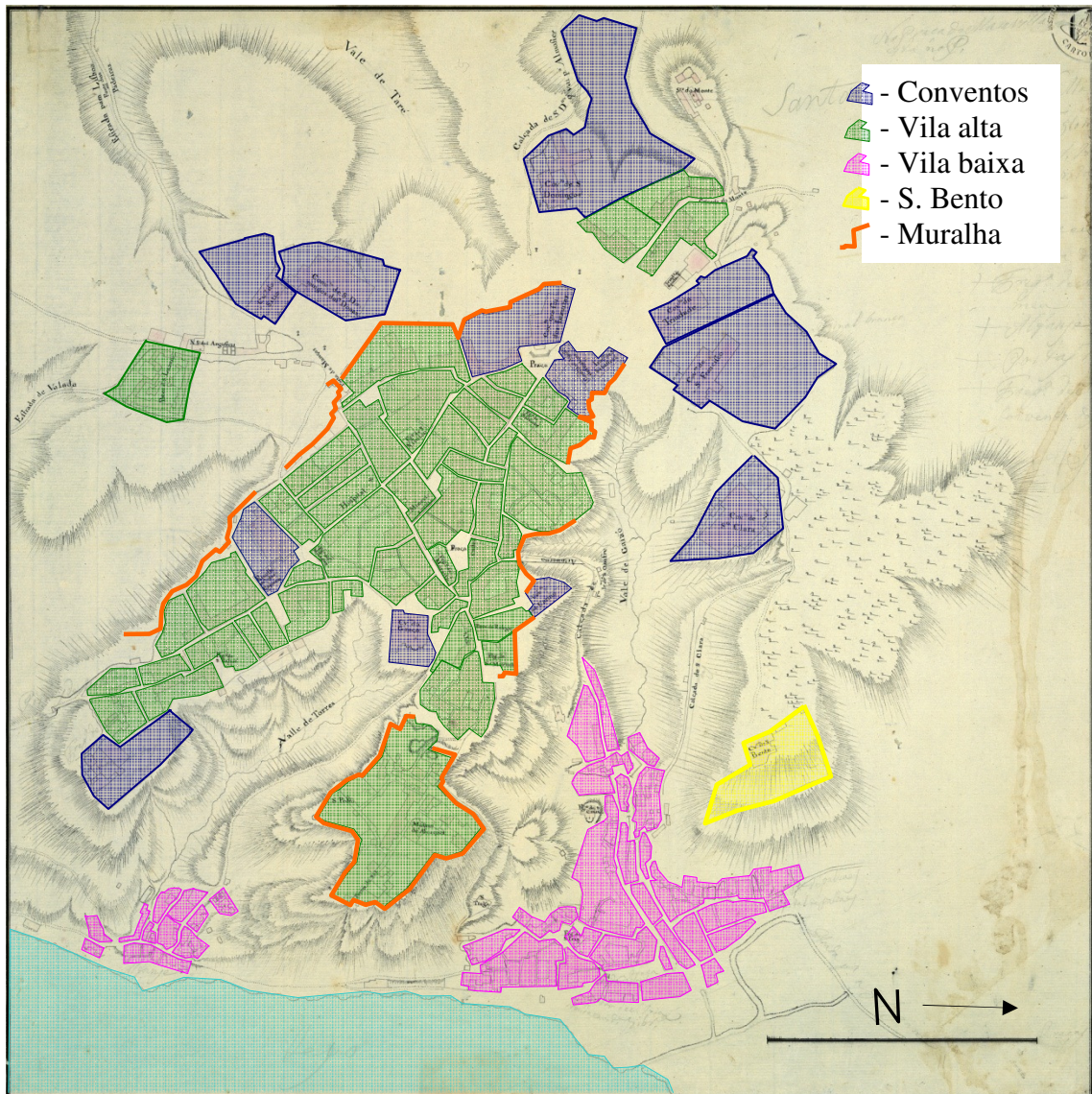


Figura 24: Localização do convento de S. Bento – Século XIX
(Base: IGP, 0394.jpg, autor, 2007)



Figura 25: Liceu Sá da Bandeira – Década de 1940
(Ante-Plano Geral de Urbanização, foto n.º20, reprodução de autor autorizada por DGUA – CM Santarém, 2007)

Na década de 1940 é elaborado o projecto de regularização e alargamento de um troço da rua 31 de Janeiro, que liga o espaço urbano intramuros pela Praça Sá da Bandeira, à nova urbanização de S. Bento, em toda a sua extensão numa faixa de terreno anteriormente pertencente à cerca do extinto convento de S. Francisco, entre o Jardim da República e a Alameda de S.^{ta} Clara.

O objectivo do projecto é dotar esta via das designadas características da moderna Alameda de S.^{ta} Clara (ver figura seguinte), cujo perfil traçado se inclui nas propostas da Urbanização do Alto de S. Bento.



Figura 26: Mosteiro de S.^{ta} Clara – Década de 1940
(Ante-Plano de Urbanização de Santarém, foto n.º30, reprodução de autor autorizada por DGUA – CM Santarém, 2007)

O isolamento do demolido convento de S. Bento em relação à malha urbana, e a vasta área envolvente de cariz rural da antiga cerca, não urbanizada e totalmente livre de edifícios, permite a expansão urbana para esta zona da cidade, de modo planeado, através da concretização da proposta urbanística de João de Aguiar.

A urbanização do alto de S. Bento planeia a consolidação de um bairro habitacional periférico, construído em terreno livre, anteriormente povoado por oliveiras, cujas tipologias residenciais de moradias isoladas de dois pisos, implantadas em amplos lotes ajardinado, são procuradas pelas famílias da classe mais abastada (ver figura seguinte).

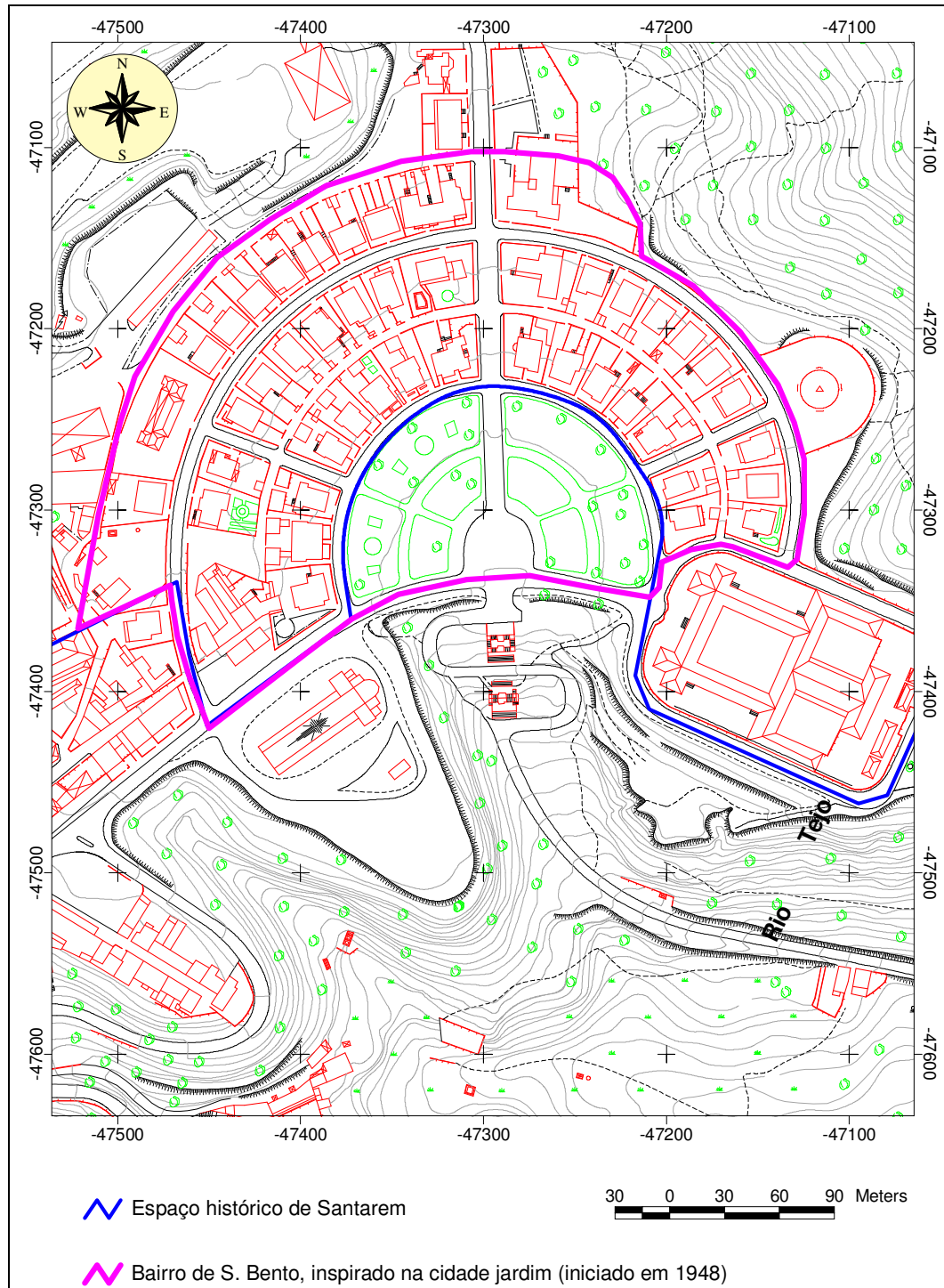


Figura 27: Bairro de S. Bento
(Base cartográfica formato DWG cedida por CM Santarém, autor, 2007)

5. CONCLUSÕES

Poder-se-á concluir que a valorização do centro urbano, tem em Santarém as suas raízes nas significativas nas alterações morfológicas da cidade Oitocentista, nas quais o processo de desamortização corresponde ao momento de inflexão para o novo paradigma centro/ periferia que passa a caracterizar a evolução urbanística da urbe.

O significado das transformações morfológicas na valorização do centro urbano de Santarém, é indiscutivelmente assinalado pelo processo de desamortização, que se repercute na qualificação urbana à imagem da cidade moderna, em domínios tão diversos como a nível:

- Funcional, com a adaptação dos complexos conventuais a novas actividades. “Transformações que adequam os velhos edifícios a novos conteúdos funcionais”³³;
- Espacial, com a expansão da malha urbana para os terrenos desamortizada, formando a génese da periferia;
- Fundiário, com a incorporação dos bens desamortizados no mercado de solos;
- Social, com a aquisição dos bens religiosos por particulares, que consolidam a sua posição na classe de proprietários;
- Patrimonial, com a perda do legado edificado na sequência do abandono, degradação e ruína.

Neste processo complexo do qual a desamortização é apenas uma, entre as mais variadas componentes, a 1.^a fase poder-se-á sintetizar a partir da década de 1860 e até ao 1.^o quartel do século XX, no decorrer da qual se instalam na cidade os primeiros equipamentos colectivos, como a Praça de Touros (já referida), o Presídio Militar ou o Matadouro Municipal.

Numa 2.^a fase que se poderá fazer corresponder ao período seguinte até meados do século XX, consolida-se a periferia urbana equipada com o Mercado Municipal ou o novo Tribunal, na qual a estrutura viária assume o papel predominante na organização morfológica da cidade.

Urge encontrar o sentido de permanência nos centros urbanos antigos, dentro da ordem urbana hodierna encarando o novo e o velho, como partes integrantes da evolução urbanística das cidades sobre as permanências e sobre as mudanças.

³³ Mora, Alfonso et al. (1980) “Los centros urbanos: hacia la recuperación popular de la ciudad”, pp.106.

Bibliografia:

- (1) Arellano, A. Font et al. (1976) “Valladolid, procesos y formas del crecimiento urbano – tomo I”, ETSA, DVCA Madrid.
- (2) Choay, Françoise (1983) “The modern city: planning in the 19th century”, George Braziller, New York.
- (3) Leal, Augusto Pinho (1878) “Portugal antigo e moderno, dicionário geographico, estatístico, chronographico, heráldico, archeologico, histórico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal”, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, Lisboa.
- (4) Mora, Alfonso et al. (1980) “Los centros urbanos: hacia la recuperación popular de la ciudad”, Editorial Nuestra Cultura, Madrid.
- (5) Panerai, Philippe et al. (1983) “Elementos de analisis urbano”, Colección Nuevo Urbanismo, Instituto de Estudios de Administracion Local, Madrid.
- (6) Piccinato, Giorgio (1993) “La construcción de la urbanística (Alemania: 1871/1914)”, Oikos-tau, Vilassar de Mar, Barcelona.
- (7) Quirós, Francisco (1991) “Las ciudades españolas en el siglo XIX”, Junta de Castilla y León, Ámbito Ediciones, Valladolid.
- (8) Relph, Edward (1987) “A paisagem urbana moderna”, Edições 70, Lisboa.
- (9) Sarmiento, Zeferino (1993) “História e monumentos de Santarém”, CM Santarém.
- (10) Serrão, Vitor “Santarém”, Presença, Lisboa.
- (11) Sica, Paolo (1981) “Historia del urbanismo en siglo XX”, Instituto de Estudios de Administracion Local, Madrid.

Abreviaturas:

IGP: Instituto Geográfico Português

DGUA: Divisão de Gestão Urbanística e Ambiente

CM Santarém: Câmara Municipal de Santarém

DI Exército Português: Divisão de Infra-estruturas do Exército Português

DR Lisboa – IPPAR: Direcção Regional de Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico